

## TEMPO E ESPAÇO QUEER LOCALIZADOS EM TERRITÓRIO NENHUM

LARISSA SCHIP FERREIRA DE DEUS<sup>118</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta os conceitos de *tempo queer* e *espaço queer* propostos por Jack Halberstam no livro “In a Queer Time and Place”, entrecruzando com questões narradas no livro “Orlando” de Virginia Woolf e a análise sobre camuflagem de Esteban Muñoz, no livro “Utopía Queer”. Estabelecendo aproximações com a publicação de artista, de minha autoria, “Território nenhum” (2018), a qual se propõe uma reflexão em que o olhar é dirigido a uma perspectiva *queer*, subvertendo o lugar de espaço definido, no qual separamos o eu do outro, onde esse espaço indefinido torna-se um espaço possível para uma prática autárquica de uma vida outra.

**Palavras-chave:** Tempo queer; Espaço queer; Publicação de artista; Autárquia.

### Introdução

Este texto entrecruza questões narradas no livro Orlando de Virginia Woolf com os conceitos de tempo queer e espaço queer apresentados por Jack Halberstam no livro In a Queer Time and Place. Estabelecendo aproximações com a publicação de artista, de minha autoria, Território nenhum (2018), na qual se propõe uma reflexão em que o olhar é dirigido a uma perspectiva queer.

Virginia Woolf, nos conta a biografia de Orlando, começando no século XVI, Orlando é um nobre inglês, vivendo em seu castelo na Inglaterra elisabetana, tem ótimas relações com homens poderosos e com a rainha, é respeitado por todos e dono de uma beleza estonteante. Como o próprio biógrafo – narrador de Orlando – nos conta, não é tarefa fácil escrever sobre sua vida, o livro (a vida da personagem) carrega muitas histórias. No entanto, nada que o diferencie de uma vida normal de um jovem nobre do século XVI até o ponto em que vamos nos concentrar neste momento, mais especificamente no capítulo três de sua biografia. Onde algo surpreendente

---

<sup>118</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais (Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, 2017). larissaschipf@gmail.com

ocorre: Orlando, dorme por 7 dias e 7 noites e, exceto por sua respiração, poderia ser dado como morto.

No final deste período recebe a visita de três irmãs: Nossa Senhora da Pureza, Nossa Senhora da Castidade e Nossa Senhora da Modéstia. As irmãs tentam com seus véus impedir a Verdade. Contudo, trombetas clamam pela Verdade e por mais que as irmãs tentem abafá-las, não conseguem. As irmãs então declaram: “Nem sempre foi assim! Mas os homens não nos querem mais; e as mulheres nos detestam. Vamos embora.” (WOOLF, 2018, p. 82). E continuam:

“Pois lá, e não aqui (todas falam juntas, de mãos dadas, fazendo gestos de despedida e desespero em direção à cama onde Orlando jaz adormecido), moram ainda, em ninhos e toucadores, escritórios e cortes de justiça, aqueles que nos amam: aqueles que honram virgens e cidadãos; advogados e médicos; aqueles que proíbem; aqueles que negam; aqueles que reverenciam sem saber por quê, aqueles que elogiam sem entender, e ainda a numerosa (Deus seja louvado) tribo dos respeitáveis; que preferem não ver; desejam não saber; amam a escuridão; aqueles que ainda nos adoram com razão; pois nós lhes demos Poder, Prosperidade, Conforto e Bem-estar. A eles nos encaminhamos, e te deixamos. Vinde, Irmãs, vinde! Isto aqui não é lugar para nós.” (WOOLF, 2018, p. 83)

Início esse texto com essa passagem de Orlando para enfatizar a visita de Pureza, Castidade e Modéstia. Seus nomes, já nos conduzem a entender a ideia de normatividade a quais estão conectadas. As irmãs, tem o intuito de parar Orlando, vem busca-lo em nome dos respeitáveis, descrentes de que Orlando pode ser um ser atemporal, que irá sobreviver, e se transformar. Guacira Lopes Louro escreve sobre as normas regulatórias “As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicarlhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos.” (LOURO, 2015, p. 84)

Orlando, agora se encontra sozinho, aos sons das trombetas que continuam a chamar por verdade, assim Orlando desperta. “Espreguiçou-se. Levantou-se. Ficou de pé completamente despido diante de nós, e enquanto as trombetas soavam Verdade! Verdade! Verdade! Não temos escolha senão confessar – ele era uma mulher.” (WOOLF, 2018, p. 83).

Butler (2003) conceitua gênero como um “ato performático”, como um efeito, produzido ou gerado. Essa definição resgata a noção de

processo e de construção singular de cada sujeito, dentro de um campo situado de possibilidades que é reafirmado ou renegociado através de sucessivas “performances”, ou seja, atos, práticas concretas (e não essências naturalizadas) através dos quais os sujeitos se constituem. (NARVAZ; KOLLE, 2006, p. 650, grifo do autor)

Orlando, havia se transformado em mulher, sem sofrimento ou surpresa para ela: “A mudança de sexo, embora alterando seu futuro, nada fizera para alterar sua identidade.” (WOOLF, 2018, p. 83). Já outras pessoas se esforçavam para negar esse fato, diziam que Orlando sempre fora mulher, ou que ainda era homem, esses sustentavam que uma mudança de gênero é contra a natureza. “Para nós é suficiente constatar o simples fato: Orlando foi homem até os trinta anos; nessa ocasião tornou-se mulher e assim permaneceu daí por diante.” (WOOLF, 2018, p. 84). Nomear é o primeiro passo para a criação do gênero: “Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias.” (LOURO, 2015, p. 84)

Para além da alteração de gênero de Orlando, me pergunto se podemos considerar nossa personagem com uma vivência *queer*? Para refletir sobre essa questão trago a afirmação de que existe algo como *tempo queer* e *espaço queer*, dita por Jack Halberstam em *In a Queer Time and Place*:

Os usos queer do tempo e do espaço se desenvolvem, pelo menos em parte, em oposição às instituições da família, heterossexualidade e reprodução. Eles também se desenvolvem de acordo com outras lógicas de localização, movimento e identificação. Se tentarmos pensar a estranheza como resultado de temporalidades estranhas, agendas de vida imaginativas e práticas econômicas excêntricas, separamos a estranheza da identidade sexual e chegamos mais perto de entender o comentário de Foucault em "A amizade como modo de vida" que "a homossexualidade ameaça as pessoas como um 'modo de vida' e não como uma forma de fazer sexo". (HALBERSTAM, 2005, p.1, tradução nossa) <sup>119</sup>

Jack Halberstam, denomina *Queer tempo* os modelos específicos de temporalidade que emergem do pós-modernismo, que se afastam dos quadros temporais da reprodução burguesa e da família, longevidade, risco/segurança e herança. E adota a expressão *Espaço Queer* para se referir às práticas de criação de lugar no pós-

---

<sup>119</sup> Queer uses of time and space develop, at least in part, in opposition to the institutions of family, heterosexuality, and reproduction. They also develop according to other logics of location, movement, and identification. If we try to think about queerness as an outcome of strange temporalities, imaginative life schedules, and eccentric economic practices, we detach queerness from sexual identity and come closer to understanding Foucault's comment in "Friendship as a Way of Life" that "homosexuality threatens people as a 'way of life' rather than as a way of having sex". (HALBERSTAM, 2005, p.1)

modernismo, nas quais as pessoas *queer* se envolvem e, também, descrevem as novas compreensões do espaço. (HALBERSTAM, 2005)

Voltemos as vivências de Orlando, poderíamos dizer que a personagem escolhe vários modos de vida, conforme as circunstâncias e espaços que se encontra, após sua transformação de gênero, Orlando passa a viver com os ciganos. Por um período, o modo de vida dos ciganos, todo seu nomadismo e desapegos ao capitalismo, parecem agradar Orlando.

O futuro em constante diminuição cria uma nova ênfase no aqui, o presente, o agora, e enquanto a ameaça de nenhum futuro paira sobre sua cabeça como uma nuvem de tempestade, a urgência de ser também expande o potencial do momento e, como Doty explora, extrai novas possibilidades do tempo em mão. (HALBERSTAM, 2005, p.2, tradução nossa)<sup>120</sup>

Jack Halberstam, fala de um tempo estranho, que emerge da crise da AIDS, esse tempo não se trata apenas de aniquilação. O autor reflete sobre uma vida não roteirizada, uma potência que se dá fora das noções de família e herança, que é observado nas subculturas. (HALBERSTAM, 2005)

As subculturas queer produzem temporalidades alternativas ao permitir que seus participantes acreditem que seus futuros podem ser imaginados de acordo com lógicas que estão fora daqueles marcadores paradigmáticos da experiência de vida - a saber, nascimento, casamento, reprodução e morte. (HALBERSTAM, 2005, p.2, tradução nossa)<sup>121</sup>

Orlando, começa a sofrer embates com o estilo de vida dos ciganos, pois sente falta de um certo materialismo, em particular, a falta que lhe faz os materiais da escrita.

Dentro do ciclo de vida do sujeito humano ocidental, longos períodos de estabilidade são considerados desejáveis, e pessoas que vivem em rajadas rápidas (viciados em drogas, por exemplo) são caracterizadas como imaturas e até perigosas. Mas a temporalidade lúdica criada pelas drogas (capturado por Salvador Dali como um relógio derretido e por William Bur brutos como "junk time") revela a artificialidade de

---

<sup>120</sup> The constantly diminishing future creates a new emphasis on the here, the present, the now, and while the threat of no future hovers overhead like a storm cloud, the urgency of being also expands the potential of the moment and, as Doty explores, squeezes new possibilities out of the time at hand. (HALBERSTAM, 2005, p.2)

<sup>121</sup> Queer subcultures produce alternative temporalities by allowing their participants to believe that their futures can be imagined according to logics that lie outside of those paradigmatic markers of life experience-namely, birth, marriage, reproduction, and death. (HALBERSTAM, 2005, p.2)

nossas construções privilegiadas de tempo e atividade.  
(HALBERSTAM, 2005, p.4, tradução nossa)<sup>122</sup>

Orlando decide voltar para sua terra natal, nesse deslocamento percebe o ser mulher – importante destacar que com os ciganos as diferenças entre os gêneros não se fizeram muito perceptíveis. Orlando vende sua última pérola que havia sobrado dos seus tempos de nobre, e embarca em um navio. Neste momento, percebe que os marinheiros a tratam diferente, Orlando se sente incomodada ao identificar que perde muitos dos privilégios que antes lhe eram garantidos pelo fato de antes ser homem. Orlando se dá conta de que mesmo sendo a mesma pessoa, a condição de estar usando vestimentas consideradas femininas muda a visão que as pessoas tem dela. “Assim, pode-se sustentar o ponto de vista de que são as roupas que nos usam, e não nós que as usamos; podemos fazê-las tomar a forma do braço ou do peito, mas elas moldam nosso coração, nosso cérebro, nossa língua, à sua vontade.” (WOOLF, 2018, p.113).

Ao voltar a sua cidade natal, Orlando encontra novas dificuldades, sua herança não mais lhe pertence, devido as mudanças de gênero vividas, não há como comprovar que é a mesma pessoa.

O tempo de herança refere-se a um visão geral do tempo geracional dentro do qual valores, riquezas, bens e a moral é passada através dos laços familiares de uma geração para a seguinte. Isso também conecta a família ao passado histórico da nação, e olha adiante para conectar a família ao futuro da estabilidade familiar e nacional. Dentro nessa categoria podemos incluir os tipos de temporalidade hipotética – a tempo de "e se" - que exige proteção na forma de apólices de seguro, saúde e testamentos. (HALBERSTAM, 2005, p.5, tradução nossa)<sup>123</sup>

Podemos olhar para a biografia de Orlando por meio de uma narrativa linear, nasce herdeiro, vive amores, viagens, transformações, entende o que é ser visto como homem e como mulher, perde sua fortuna e o respeito da sociedade, sempre que

---

<sup>122</sup> Within the life cycle of the Western human subject, long periods of stability are considered to be desirable, and people who live in rapid bursts (drug addicts, for example) are characterized as immature and even dangerous. But the ludic temporality created by drugs (captured by Salvador Dali as a melting clock and by William Burroughs as "junk time") reveals the artificiality of our privileged constructions of time and activity. (HALBERSTAM, 2005, p.4)

<sup>123</sup> The time of inheritance refers to an overview of generational time within which values, wealth, goods, and morals are passed through family ties from one generation to the next. It also connects the family to the historical past of the nation, and glances ahead to connect the family to the future of both familial and national stability. In this category we can include the kinds of hypothetical temporalities—the time of "what if" -that demands protection in the way of insurance policies, health care, and wills. (HALBERSTAM, 2005, p.5)

possível investe no seu desejo de ser poeta. Mas, também, podemos entender a narrativa, de maneira menos linear. Orlando vive mais de três séculos, vive diferentes temporalidades e espaços, e se reinventa em sua própria essência.

Halberstam,<sup>124</sup> faz uma análise das definições que Harvey faz sobre o tempo e o espaço *queer*. Harvey afirma que falhamos em perceber a construção do tempo, pois entendemos o tempo com algo natural. Segundo Harvey, isto acontece porque organizamos o tempo de acordo com a lógica da acumulação do capital, e aqueles que se beneficiam do capitalismo, colocam essa lógica como inevitável e, portanto, ignoraram as demandas feitas sobre eles e outros por um sistema injusto. Já o espaço, passa por uma dupla naturalização – os valores de uso (como a propriedade privada, por exemplo) e a subordinação ao tempo. Halberstam ainda observa que Harvey não discute a naturalização do tempo e do espaço em relação a sexualidade. (HALBERSTAM, 2005)

O tempo reprodutivo e o tempo da família são, antes de tudo, construções heteronormativas de tempo/espaço. Mas enquanto Harvey sugere a política de gênero dessas formas de tempo/espaço, ele não menciona a possibilidade de que todos os tipos de pessoas, especialmente na pós-modernidade, vão e optam por viver fora do tempo reprodutivo e familiar, bem como as bordas das lógicas do trabalho e da produção. Ao fazê-lo, muitas vezes também vivem fora da lógica da acumulação de capital: aqui poderíamos considerar ravers, club kids, barebackers HIV positivos, garotos de aluguel, trabalhadores do sexo, sem-teto, traficantes de drogas e desempregados. Talvez essas pessoas possam ser produtivamente chamadas de "sujeitos queer" em termos das formas como vivem (deliberadamente, acidentalmente ou por necessidade) durante as horas em que os outros dormem e nos espaços (físicos, metafísicos e econômicos) que outros abandonaram, e em termos das formas como podem trabalhar nos domínios que outras pessoas atribuem à privacidade e à família. (HALBERSTAM, 2005, p.10, tradução nossa)

<sup>124</sup>

---

<sup>124</sup> Reproductive time and family time are, above all, heteronormative time/space constructs. But while Harvey hints at the gender politics of these forms of time/space, he does not mention the possibility that all kinds of people, especially in postmodernity, will and do opt to live outside of reproductive and familial time as well as on the edges of logics of labor and production. By doing so, they also often live outside the logic of capital accumulation: here we could consider ravers, club kids, HIV-positive barebackers, rent boys, sex workers, homeless people, drug dealers, and the unemployed. Perhaps such people could productively be called "queer subjects" in terms of the ways they live (deliberately, accidentally, or of necessity) during the hours when others sleep and in the spaces (physical, metaphysical, and economic) that others have abandoned, and in terms of the ways they might work in the domains that other people assign to privacy and family. (HALBERSTAM, 2005, p.10)

Nesta análise de Jack Halberstam, em que não encontra o tempo e o espaço em relação a sexualidade, o autor nos recomenda as análises feitas por Stephen M. Barber e David L. Clark, a partir da obra "A História da Sexualidade", de Foucault:

Stephen M. Barber e David L. Clark, em sua introdução a um livro de ensaios sobre Eve Kosofsky Sedgwick, apresentam talvez a leitura mais convincente até hoje de uma temporalidade queer que emerge da formulação de Foucault da modernidade como "uma atitude e não como um período da história" (Barber 2002, 304). Barber e Clark localizam os comentários de Foucault sobre a modernidade ao lado dos comentários de Sedgwick sobre queerness definir queerness como uma temporalidade - "um 'momento', é também uma força; ou antes, é um cruzamento de temporalidade com força". Em Sedgwick, Barber and Clark identifica uma elaboração da relação entre temporalidade e escrita; em Foucault, eles encontram um modelo para a relação entre temporalidade e modos de ser. Eles resumem essas correntes em termos de um "momento", um "presente persistente" ou "uma temporalidade estranha que é ao mesmo tempo indefinida e virtual, mas também contundente, resiliente e inegável". (HALBERSTAM, 2005, p.10, tradução nossa)<sup>125</sup>

As reflexões sobre Orlando se encontram aqui como ponto de partida, das vivências que me tocam enquanto: eu artista, nomeada mulher cis e sapatão, para pensarmos uma perspectiva *queer*. No entanto, mais do que pensar sobre identidades de gêneros e sexualidades dissidentes, ainda que não se distanciando completamente dessas questões, estabeleço relações sobre o tempo e o espaço *queer* para refletir sobre o trabalho *Território Nenhum* (2018), de minha autoria. Insiro essa perspectiva *queer* como um flerte, inscritos em meu trabalho e na minha vivência, como nos entrega Louro "Mais do que uma nova posição de sujeito, queer sugere um movimento, uma disposição. Supõe a não-acomodação, admite a ambiguidade, o não-

---

<sup>125</sup> Stephen M. Barber and David L. Clark, in their introduction to a book of essays on Eve Kosofsky Sedgwick, present perhaps the most compelling reading to date of a queer temporality that emerges from Foucault's formulation of modernity as "an attitude rather than as a period of history" (Barber 2002, 304). Barber and Clark locate Foucault's comments on modernity alongside Sedgwick's comments on queerness in order to define queerness as a temporality-"a 'moment,' it is also then a force; or rather it is a crossing of temporality with force". In Sedgwick, Barber and Clark identify an elaboration of the relation between temporality and writing; in Foucault, they find a model for the relation between temporality and ways of being. They summarize these currents in terms of a "moment," a "persistent present," or "a queer temporality that is at once indefinite and virtual but also forceful, resilient, and undeniable". (HALBERSTAM, 2005, p.10)

lugar, o trânsito, o estar-entre. Sugere fraturas na episteme dominante.” (LOURO, 2009, p.135) Ou ainda como nos fala Michel Foucault refletindo sobre as sexualidades gays: um modo de vida.

“Território nenhum” (2018), é uma publicação de artista, composto por fotografias impressas em transparência. (Figura 1) As imagens formam uma linha cinematográfica entre o meu corpo, os corpos de cães e territórios vazios que se somam pelo efeito do material. (Figuras 2, 3 e 4)

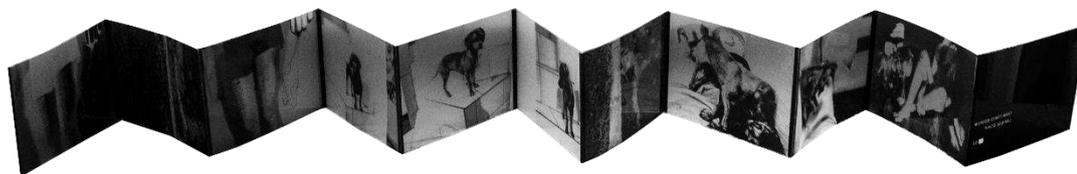


Figura 1. Larissa Schip, “Território nenhum”, 2018, publicação de artista, 13 x 20,5 cm (fechado)



Figura 2. Larissa Schip, Detalhe de “Território nenhum”, 2018, publicação de artista, 13 x 20,5 cm



Figura 3. Larissa Schip, Detalhe de "Território nenhum", 2018, publicação de artista, 13 x 20,5 cm



Figura 4. Larissa Schip, Detalhe de "Território nenhum", 2018, publicação de artista, 13 x 20,5 cm

Como um espelho que reflete a imagem que é nossa por não ser de ninguém, um corpo que jamais deixou de ser animal, um corpo que deseja não ser um limite. Trata de subverter o lugar de espaço definido, no qual separamos o eu do outro. Esse espaço indefinido torna-se um espaço possível para uma prática autárquica de uma vida outra.

As imagens de territórios (Figura 5) que encontramos na publicação, podem parecer lugares vastos, no entanto, na realidade são pequenas calçadas cobertas por

musgos, que se desenvolvem como algo que se prolifera, um filo cosmopolita. O cosmopolita ou cidadão do mundo é uma pessoa que deseja transcender a divisão geopolítica que é inerente às cidadanias nacionais dos diferentes Estados e países soberanos. Temos a observação de um devir vegetal, uma camuflagem, uma organização diferente da nossa, não-humana, que se desenvolve em harmonia.

“Território nenhum” (2018) trata de uma utopia, em sintonia com o que José Esteban Muñoz, fala em uma análise a camuflagem, no capítulo *Algo como el cielo. Arte utópico queer y la dimensión estética*, do livro *Utopía Queer*.

É importante que não nos contentemos em deixar revoluções fracassadas serem meros momentos finitos. Em vez disso, devemos vê-los como vestígios de um mundo melhor fornecido pela estética utópica queer. Nuvens prateadas, redemoinhos de camuflagem, espelhos, uma pilha de folhas em branco e flores pintadas são passaportes que nos permitem acessar um caminho utópico, uma rota que deveria nos levar ao céu ou, melhor ainda, a algo que parece. (MUNÓZ, 2020, p.250, tradução nossa)<sup>126</sup>



Figura 5. Larissa Schip, Imagem que compõe “Território nenhum”, 2018

---

<sup>126</sup> Es importante que no nos contentemos com dejar que las revoluciones fallidas sean meros momentos finitos. Em su lugar, debemos considerarlas como huellas de un mundo mejor que nos suministra la estética utópica queer. Nubes plateadas, remolinos de camuflaje, espejos, una pila de hojas em blanco y flores pintadas son passaportes que nos permiten acceder a un camino utópico, una ruta que nos debería llevar al cielo o, mejor aún, a algo que se le parezca. (MUNÓZ, 2020, p.250)

Todas as imagens que compõem a publicação, foram realizadas em meio a processos de criação de outros trabalhos, isto é, não foram pensadas em um primeiro momento para compor uma publicação, o fazer artístico de “Território nenhum” (2018), está longe da ideia de qualidade técnica de grandes produções, está naquilo que se mostra como processo, como uma entrega íntima e contínua, um modo de vida, que se dá pela marginalidade daquilo que se cria cotidianamente. A possibilidade que a publicação de artista apresenta, de ser consumida fora dos espaços de exposição – ainda que possa ser trabalhado desta forma (Fig.53) – nos dá esse caráter de distribuição, por este motivo, “Território nenhum” (2018) não poderia ter outro formato. Imaginar um outro corpo, um outro espaço, em um outro tempo, são questões presentes nesta publicação, no entanto, como acredito que deve ser nas artes visuais e nos livros, deixo essa imaginação para os olhos de quem as quer ver, pela perspectiva que é possível no tempo e no espaço do outro.

## Referências

HALBERSTAM, Jack. **In a Queer Time and Place**. New York: New York University, 2005

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Para uma vida não facista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015

MUÑOZ, Esteban. **Utopía Queer**. Buenos Aires: Caja Negra, 2020.